

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# Juventude, Cultura Cívica e Cidadania: 15 anos depois

Angela Maria de Randolpho Paiva, Michelle de Moraes Ferraz

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6955>

Submetido em: 2023-09-18

Postado em: 2023-09-25 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## JUVENTUDE, CULTURA CÍVICA E CIDADANIA: 15 ANOS DEPOIS

AUTOR/A 1, Angela Rondolpho Paiva.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7684-9877>

<[apaiva@puc-rio.br](mailto:apaiva@puc-rio.br)>

PUC-Rio. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

AUTOR/A 2, Michelle de Moraes Ferraz.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4474-9254>

<[ferrazdi@gmail.com](mailto:ferrazdi@gmail.com)>

PUC-Rio. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**RESUMO:** “O que a juventude nos pode dar? O que a juventude pode esperar de nós?” Com essas duas perguntas, Karl Mannheim introduz seu texto “O problema da juventude na sociedade moderna”. As perguntas deste autor motivaram no ano de 2004 a pesquisa “Juventude, Cultura cívica e cidadania”, cujo objetivo era auscultar os jovens que nasceram em um contexto democrático pós Constituição de 1988 e identificar suas percepções sobre os temas da pesquisa. Além disso, havia ainda a hipótese de que as desigualdades sociais forjadas nos cotidianos dos jovens produziriam percepções diferentes entre eles, por isso, optou-se por realizar uma comparação entre as percepções dos jovens estudantes da rede pública e da rede particular de escolas presentes em três regiões da cidade do Rio de Janeiro (Zona Sul, Tijuca e Barra da Tijuca). Em 2018 a pesquisa foi retomada seguindo os mesmos critérios metodológicos com o objetivo de identificar as mudanças e permanências nas percepções dos jovens 15 anos depois da realização da primeira pesquisa.

**Palavras-chave:** Juventudes, cidadania, cultura cívica, escola, desigualdades sociais.

## YOUTH, CIVIC CULTURE AND CITIZENSHIP: 15 YEARS LATER

**ABSTRACT:** “What can youth give us? What can youth expect from us?” With these two questions, Karl Mannheim introduces his text “The problem of youth in modern society”. In 2004, this author's questions motivated the research “Youth, Civic Culture and Citizenship”, whose objective was to listen to young people who were born in a democratic context after the 1988 Constitution and identify their perceptions on the research themes. Furthermore, there was also the hypothesis that social inequalities forged in the daily lives of young people would produce different perceptions among them, therefore, it was decided to carry out a comparison between the perceptions of young students from public schools and private schools present in three regions of the city of Rio de Janeiro (South Zone, Tijuca and Barra da Tijuca). In 2018, the research was resumed following the same methodological criteria with the aim of identifying changes and continuations in young people's perceptions 15 years after the first survey was carried out.

**Keywords:** Youth, citizenship, civic culture, school, social inequalities.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa Juventude, Cultura cívica e cidadania teve início em 2004 com o objetivo de auscultar a percepção dos jovens sobre os temas que compõem o título da pesquisa. Naquele contexto, o Brasil caminhava para 15 anos de consolidação democrática (a contar da eleição do primeiro presidente democraticamente eleito) e os jovens escolhidos como público-alvo da pesquisa formava a primeira geração a experimentar mais de uma década de democracia.

A pesquisa captou as percepções dos jovens por meio de questões sobre confiança nas instituições, participação na esfera pública, percepção sobre o voto e a democracia, perspectivas sobre o futuro, concepções sobre a experiência da juventude entre outros. Além de auscultar os jovens sobre os temas da pesquisa, também se buscou identificar se as desigualdades sociais impactam no entendimento dos jovens sobre os temas investigados.

O público-alvo estabelecido foram os jovens estudantes da rede pública e particular com idade entre 15 e 17 anos de escolas localizadas em três regiões do Rio de Janeiro, a saber: Zona Sul, Tijuca e Barra da Tijuca.

O campo foi realizado entre 2004 e 2009 e nesse período 24 escolas foram visitadas, 1000 jovens responderam aos questionários e 14 grupos focais foram realizados. A consolidação dos dados e suas respectivas análises foram apresentadas no livro “Juventude, Cultura cívica e cidadania” publicado em 2011, pela editora Garamond.

Em 2018, quando a pesquisa estava prestes a completar 15 anos da sua primeira realização, decidimos retomá-la com o objetivo de identificar as mudanças e permanências na percepção dos jovens estudantes. Desse modo, a pesquisa recebeu o nome: “Juventude, Cultura Cívica e Cidadania: 15 anos depois”.

Nessa atualização da pesquisa, decidimos manter os mesmos os critérios metodológicos, ou seja, as etapas de aplicação de questionário (quantitativa) e realização de grupos focais (qualitativa). Além disso, entendemos que seria importante visitar as mesmas escolas.

Passados quinze anos, sabíamos que encontraríamos um campo diferente e, por isso, desenvolvemos algumas hipóteses para as possíveis mudanças. Essas hipóteses foram formuladas a partir de três pilares: a) trinta anos de consolidação democrática e as desigualdades persistentes, b) a

presença sistemática da internet, sobretudo das redes sociais, entre os jovens, c) a obrigatoriedade do ensino de Sociologia no Ensino Médio<sup>1</sup>.

Para o pilar “trinta anos de consolidação democrática e as desigualdades persistentes” construímos a hipótese de que apesar da estabilidade democrática, a percepção dos jovens teria mudado, sobretudo com relação à confiança nas instituições, devido às desigualdades persistentes ao longo dos quinze últimos anos.

Diante da presença sistemática da internet, especialmente das redes sociais- entre os jovens, desenvolvemos a hipótese de que - algumas das mudanças nas percepções poderiam estar relacionadas com as novas formas de interação social que surgiram por meio das redes sociais.

Por fim, o terceiro pilar- aborda a relação entre as mudanças nas percepções dos jovens e o ensino de Sociologia no Ensino Médio. Nossa hipótese é que os temas abordados por essa disciplina estariam ampliando o repertório crítico dos jovens produzindo novas “gramáticas sociais”.

É importante destacar que mantivemos a estrutura central do questionário usado na pesquisa anterior, mas para validar nossas hipóteses sobre as mudanças nas percepções dos jovens, inserimos sete novas questões sobre o uso da internet e a sociologia enquanto disciplina obrigatória.

Em 2019 iniciamos o campo da pesquisa e começamos o processo de agendamento das escolas, mas, logo nas primeiras tentativas, percebemos que teríamos dificuldades devido à atmosfera de “ressaca pós-eleitoral<sup>2</sup>”.

A despeito dos desafios enfrentados, conseguimos obter acesso a nove escolas (quatro públicas e cinco particulares), aplicamos 250 questionários e conduzimos dois grupos focais.

O campo da pesquisa seria ampliado em 2020, mas foi suspenso devido à pandemia de COVID-19 e, em virtude dos protocolos sanitários aplicados pelas escolas, somente em 2022 pudemos retornar às escolas.

No momento, estamos na etapa final da pesquisa de campo. Já tabulamos cerca de 800 questionários utilizando o software PSPP e conduzimos um total de 11 grupos focais em 14 escolas visitadas. Adicionalmente, considerando os diversos contextos nos quais a pesquisa foi conduzida

---

<sup>1</sup> Em 2018 a LEI N° 11.684, DE 2 DE JUNHO DE 2008 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de Sociologia e Filosofia nas redes públicas e privadas de ensino completava dez anos de vigência.

<sup>2</sup> De acordo com o site “Google trends”, dentre os dez assuntos mais pesquisados na internet no Brasil em 2018 quatro estavam relacionados às campanhas eleitorais e (de certa forma) a escola. Os quatro principais temas eram: “escola sem partido”, “ideologia de gênero”, “kit gay” e “ideologia esquerdista” Fonte: <https://trends.google.com/trends/explore?date=2018>

entre os anos de 2018 e 2023, dispomos de informações que exploram a interação dos jovens com a polarização política e os impactos da pandemia de Covid-19.

## **METODOLOGIA DA PESQUISA**

A escola como campo de pesquisa apresenta potencialidades e desafios. As potencialidades se concentraram na questão da infraestrutura e da logística, visto que poderíamos aplicar os questionários em uma sala com mesas e cadeiras e ter uma média de 30 jovens entrevistados de uma única vez. Quanto aos desafios enfrentados, é importante destacar a complexidade da dinâmica escolar que envolve calendários com semanas de provas, duas pausas anuais e uma variedade de outras atividades que tornam o processo de agendamento um dos obstáculos mais significativos.

A escola foi estabelecida como o campo da pesquisa, visto que nela poderíamos encontrar o jovem “sobrevivente cognoscente”. De acordo com esse conceito, em um contexto de grande desigualdade social, como o do sistema educacional brasileiro, o jovem que consegue superar todos os percalços e chegar ao ensino médio pode ser considerado um sobrevivente. - Além disso, ele “reúne as condições de ser sujeito de estudos empíricos, uma vez que, por sua escolaridade, possui a capacidade cognitiva de refletir sobre as questões propostas”, e por isso pode ser considerado um sujeito cognoscente (PAIVA, 2011, P.7).

As escolas escolhidas para este estudo foram selecionadas com base em três critérios específicos. Primeiro, as escolas deveriam oferecer ensino médio regular<sup>3</sup>, em segundo lugar deveriam ser tradicionais<sup>4</sup> e finalmente o terceiro critério era que essas as escolas estivessem localizadas em regiões com índices de Desenvolvimento Humano (IDH) semelhantes. Portanto, as três regiões selecionadas foram Zona Sul, Barra da Tijuca e Tijuca.

Na primeira pesquisa, a partir de 2006 surgiu uma nova hipótese que fez com que escolas da rede pública federal e os CAPs (Colégio de Aplicação) fossem incluídos na pesquisa. A hipótese era de que as percepções dos jovens dessa rede de ensino se aproximariam mais das percepções dos jovens da rede particular do que dos demais jovens da rede pública.

Na pesquisa iniciada em 2018, ao seguirmos os mesmos critérios metodológicos, observamos que algumas das escolas que participaram da pesquisa em 2004- não se encaixam mais nos critérios

---

<sup>3</sup> Ensino regular é a nomenclatura para o modelo educacional que oferece apenas as matérias regulares do ensino médio, o que exclui escolas técnicas, EJA (Educação Jovens e Adultos) e preparatórios para concurso.

<sup>4</sup> Escolas tradicionais são aquelas com mais de dez anos de experiência e que são reconhecidas pela comunidade na qual estão inseridas.

estabelecidos. Isso aconteceu devido à transformação de algumas delas em cursos preparatórios e à aquisição por conglomerados de educação, o que resultou na perda de sua natureza de ensino médio regular e na sua reclassificação como 'sistemas de ensino'. Nesses casos, optamos por escolher outras escolas na mesma região e que se enquadrassem nos critérios previamente estabelecidos.

A aplicação do questionário é feita em sala de aula e geralmente contamos com a generosidade de algum professor que nos cede um tempo de aula. A aplicação é acompanhada por uma pesquisadora que fica na sala sanando as eventuais dúvidas. Além disso, essa atividade nos garante um material etnográfico importante, pois é interessante observar como os estudantes reagem diante das questões. Para efeito desse *paper* citaremos, a seguir, uma dessas situações coletadas no campo.

Na primeira página do questionário, coletamos informações básicas sobre os estudantes, incluindo idade, série, quantidade de irmãos, intenção de fazer vestibular e sexo e durante a aplicação dos questionários, nos deparamos, diversas vezes com a reação dos estudantes com relação a questão sobre o “sexo” do entrevistado.

As reações mais comuns foram piadas nas quais eles insinuavam que responderiam o campo “sexo” com as palavras “gosto”, “faço”, “não faço”, “tenho vários”. Em outros momentos eles perguntavam se podiam responder com “indefinido” e existiram ainda algumas situações em que os estudantes interpelaram a pesquisadora afirmando de maneira incisiva que aquela não era a melhor palavra para fazer essa pergunta.

Todas essas manifestações nos levaram a, a partir de 2022, substituir a palavra "sexo" por "gênero" no questionário. No entanto, mesmo após essa modificação, ocorreram situações em que alguns estudantes optaram por deixar a resposta em branco ou, ainda, preencheram o campo "gênero" com palavras como "musical", "alimentício" ou “indefinido”.

Nesse momento é interessante ressaltar que na pesquisa anterior (que durou de 2004 a 2009) essa mobilização em torno dessa questão (sexo/gênero) não foi observada durante a aplicação dos questionários e nem mesmo durante os grupos focais. Adiante veremos que esse tema foi um dos que mais apresentaram mudanças nas percepções dos alunos quando comparamos os dados das duas pesquisas.

Após a aplicação do questionário, as pesquisadoras retornam à escola, em outro dia previamente agendado, para realizar um grupo focal. Nesse grupo focal, apenas alguns dos estudantes que responderam ao questionário participam. A seleção é feita de forma aleatória, e os

estudantes podem decidir livremente se desejam participar ou não. Normalmente, cerca de 10 a 15 estudantes participam dessa atividade.

O grupo focal acontece em uma sala reservada, garantindo tanto a gravação sem interferências sonoras quanto um ambiente confortável para que os participantes possam discutir os tópicos abordados. Normalmente, a duração dessa atividade é de aproximadamente cinquenta minutos, embora possa se estender um pouco mais, dependendo da vontade dos participantes. Embora tenhamos um roteiro prévio, preferimos conduzir os temas de forma aberta, permitindo que os estudantes expressem suas opiniões livremente.

Após a realização da aplicação da pesquisa em cada escola, realizamos a tabulação dos questionários por meio do software PSPP<sup>5</sup> e transcrevemos as gravações dos grupos focais com ajuda do software Nvivo<sup>6</sup>. Atualmente, a pesquisa possui um banco de dados com noventa e quatro variáveis simples e mais de cento e vinte variáveis complexas<sup>7</sup>. Alguns desses dados serão apresentados a seguir.

## RESULTADOS PARCIAIS

Para efeito deste *paper* selecionamos dez achados da pesquisa que nos auxiliarão na exposição das mudanças e permanências nas percepções dos jovens após 15 anos da realização da primeira pesquisa.

Os dados selecionados foram os seguintes:

- a) Percepção sobre o que é ser jovem no Brasil.
- b) Escolaridade dos pais.
- c) O que é democracia?
- d) Confiança nas instituições.
- e) Principais medos.

---

<sup>5</sup> O PSPP é um software livre para análise de dados, destinado a ser uma alternativa para o IBM SPSS. Ele possui uma interface gráfica de usuário e interface de linha de comando

<sup>6</sup> NVivo é um pacote de software de análise de dados qualitativos produzido pela Lumivero. O NVivo é usado em diversas áreas, incluindo ciências sociais como antropologia, psicologia, comunicação, sociologia, bem como áreas forenses, turismo, criminologia e marketing

<sup>7</sup> As variáveis simples correspondem àquelas obtidas por meio da pergunta apresentada no questionário e as variáveis complexas são obtidas por meio do cruzamento entre duas ou mais variáveis simples.

- f) Principais problemas no Brasil.
- g) Opinião sobre a questão racial.
- h) Opinião sobre o casamento igualitário.
- i) Opinião sobre casamento igualitário por religião.
- j) Opinião sobre o aborto.

Após a apresentação da amostra de dados que comparam a pesquisa anterior (realizada em 2004) e a atual (realizada a partir de 2018), apresentaremos alguns dados obtidos através das perguntas que foram inseridas no questionário sobre o uso da internet pelos jovens. Os dados apresentados serão os seguintes:

- a) Quanto tempo você passa diariamente na internet?
- b) Perfil nas redes sociais.
- c) Opinião sobre as redes sociais.
- d) Compartilhamento de informações nas redes sociais.

Na visão de Bourdieu a juventude é um conceito plural e multifacetado que vai além de uma única definição. Portanto, é apropriado referir-se à ‘juventude’ sempre no plural – juventudes - para reconhecer a diversidade de formas de ser jovem. Além disso, os aspectos socioculturais que constituem cada contexto histórico também impactam nas experiências das juventudes (NOVAES, 2004) e foi pensando nessa complexidade do tema que decidimos perguntar diretamente para os jovens “o que é ser jovem no Brasil” e as respostas podem ser vistas nas tabelas a seguir.

Tabela 1.0

O que é ser jovem no Brasil?					
Pesquisa anterior	Mais difícil que num país desenvolvido	apesar de tudo é bom porque as coisas ainda estão por ser feitas	igual a ser jovem em qualquer lugar	dá muita insegurança	outro
Pública	20,5%	28,2%	17,4%	31,9%	0,9%
Particular	22,0%	27,1%	15,9%	29,8%	0,8%
Púb. Exc.	30,5%	25,4%	16,9%	23,9%	0,0%

Tabela 1.1

O que é ser jovem no Brasil?					
Pesquisa atual	Mais difícil que num país desenvolvido	tudo é bom porque as coisas ainda	igual a ser jovem em qualquer lugar	dá muita insegurança	outro
Pública	33,3%	8,5%	10,3%	46,9%	0,0%
Particular	29,8%	12,8%	8,7%	39,6%	8,3%
Púb. Exc.	30,5%	11,0%	10,5%	42,3%	4,8%

Na primeira pesquisa as opiniões dos jovens divergiam sobre essa questão. A maioria dos jovens da rede pública e da rede particular afirmavam que ser jovem no Brasil “dá muita

insegurança”, já os jovens da rede pública de excelência<sup>8</sup> afirmavam que ser jovem no Brasil era “mais difícil que num país desenvolvido”. Na pesquisa atual observamos que as opiniões passaram a convergir. Apesar das “desigualdades persistentes” que – ainda - afetam o dia a dia desses jovens, as percepções deles com relação ao que é ser jovem no Brasil passou a ser a mesma, ou seja, para todos eles, ser jovem no Brasil “dá muita insegurança”.

O conceito "desigualdades persistentes" denota que, mesmo com os avanços econômicos e políticos nas últimas décadas, ainda existem diferenças marcantes em áreas importantes, como distribuição de renda, serviços de saúde, oportunidades de emprego e acesso à educação (ARRETCHE, 2015; PAIVA, 2013), e a evidência dessas desigualdades persistentes aparece em nossa pesquisa através dos dados sobre a escolaridade dos pais.

Tabela 2.0

Escolaridade dos pais					
Pesquisa anterior	Fundamental	Médio	Graduação	Pós graduação	Não sabe informar
Pública	41,4%	39,7%	14,1%	2,3%	2,5%
Particular	0,9%	5,6%	48,7%	44,8%	10,9%
Públ.Exc	3,2%	15,6%	48,8%	31,3%	1%

Tabela 2.1

Escolaridade dos pais					
Pesquisa atual	Fundamental	Médio	Graduação	Pós graduação	Não sabe informar
Pública	52,6%	57,0%	11,0%	3,3%	24,2%
Particular	4,7%	19,8%	51,1%	62,8%	10,9%
Públ.Exc	14,5%	31,3%	32,3%	46,5%	9%

A maioria dos pais dos estudantes da rede pública possui níveis de educação que se limitam ao ensino fundamental e médio. Por outro lado, a maioria dos pais dos alunos da rede particular e da rede pública de excelência possui níveis educacionais mais elevados (pós-graduação). Embora, ao longo de quinze anos, tenhamos observado um aumento na porcentagem de pais de estudantes da rede pública que concluíram o ensino médio, esse aumento não se compara à proporção de pais de estudantes das outras redes de ensino que completaram a pós-graduação.

Uma breve análise sobre esses dados nos mostra o quanto as desigualdades educacionais são difíceis de ser superadas e por isso, persistentes. Esse tipo de desigualdade pode comprometer a qualidade da democracia como nos ensina o sociólogo Robert D. Putnam. Para ele o nível de educação de uma sociedade pode influenciar a participação cívica e a qualidade da democracia, uma vez que a educação desempenha um papel importante na promoção de atividades democráticas e na formação do capital social.

<sup>8</sup> Essa nomenclatura “rede pública de excelência” refere-se às escolas públicas federais e de aplicação. Por se tratar de um termo que foi coletado no campo, a partir da fala de estudantes e professores e por isso, decidimos mantê-lo assumindo como um conceito nativo.

Considerando a relação entre educação e a qualidade da democracia, perguntamos aos jovens qual a opinião deles sobre a democracia. As respostas podem ser observadas nas tabelas a seguir.

Tabela 3.0

Democracia é...						
Pesquisa anterior	Não se aplica	O melhor regime para se viver em uma sociedade	Bom só para país desenvolvido, pois precisamos de um governo mais forte	Um mal necessário	Algo que não me interessa	Um regime no qual prevalece a corrupção e a violência
Público	0,0%	40,0%	35,4%	4,8%	2,9%	16,9%
Particular	0,0%	62,9%	18,9%	7,8%	1,7%	8,7%
Públ.Exc.	0,2%	42,0%	35,4%	9,8%	2,4%	10,2%

Tabela 3.1

Democracia é...						
Pesquisa atual	Não se aplica	O melhor regime para se viver em uma sociedade	Bom só para país desenvolvido, pois precisamos de um governo mais forte	Um mal necessário	Algo que não me interessa	Um regime no qual prevalece a corrupção e a violência
Público	0,5%	36,2%	35,2%	6,6%	10,3%	11,3%
Particular	2,6%	64,9%	12,8%	7,5%	5,3%	6,8%
Públ.Exc.	1,9%	54,2%	13,5%	15,5%	7,1%	7,7%

"Tanto na pesquisa anterior quanto na atual, os jovens demonstram confiança na democracia e afirmam que é 'o melhor regime para viver em sociedade', mas isso não significa que tenham uma 'confiança cega' na democracia. Durante os grupos focais, eles apresentam falas muito críticas que demonstram um entendimento sobre a distância que existe entre o conceito de democracia e a sua prática. Um exemplo desse posicionamento pode ser observado a seguir em uma fala retirada de um grupo focal realizado em uma escola particular da Zona Sul."

“Desde a instauração da democracia no Brasil, ou seja, desde 1989, ela sempre serviu mais como uma ferramenta para a manutenção no poder de um grupo específico do que efetivamente como o governo de muitos e até mesmo agora, tanto tempo depois, ela parece ineficiente. Tipo, eu não diria que ela foi mal projetada, mas ela serve a interesses particulares. Mesmo que a Constituição tenha sido feita direito, ninguém segue ela e não há essa intenção eu não vejo a política no Brasil com interesse de ajudar a população, mas sim com relação a enriquecer um grupo específico. A democracia aqui gira muito em torno do voto e ela é bem mais que isso” (Aluna da rede privada. Zona Sul. Ano:2019).

Quando examinamos os dados, (tanto os quantitativos quanto os qualitativos), notamos que os jovens têm fé na democracia como o sistema político mais apropriado. No entanto, eles também emitem avaliações críticas sobre a maneira como a democracia é praticada no Brasil. Essa dualidade, caracterizada por uma coexistência de confiança e crítica, é descrita como 'convivência contraditória', conforme conceituado por MOISÉS (2008).

O conceito de 'convivência contraditória' também fornece uma perspectiva significativa para a análise dos dados relativos à 'confiança nas instituições', que serão abordados a seguir.

Ao examinarmos tanto os dados anteriores quanto os atuais da pesquisa, observamos que os jovens demonstram níveis variados de confiança em diferentes instituições. Para esta apresentação,

destacamos as três instituições em que os jovens depositam maior confiança e as três em que eles demonstram baixos níveis de confiança.

As instituições que inspiram maior confiança são a família, a escola e a universidade e as instituições que apresentam o menor índice de confiança são os políticos, a polícia e os militares.

Quando comparamos os níveis de confiança da primeira pesquisa com a atual, observamos uma diminuição na categoria “muita” confiança em quase todas as instituições.

Nas tabelas a seguir, podemos observar que a família - ainda - concentra o maior nível de confiança, no entanto ao compararmos os dados das duas pesquisas podemos ver uma redução na categoria “muita” confiança na pesquisa atual.

Nível de confiança (Família)					
Pesquisa anterior	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	0,00%	89,40%	8,00%	2,00%	0,60%
Particular	0,00%	93,10%	5,80%	1,10%	0,00%
Públ.Exc.	0,00%	90%	6,20%	2,10%	1,40%

Nível de confiança (família)					
Pesquisa atual	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	0,0%	72,8%	19,7%	5,6%	1,9%
Particular	0,0%	84,2%	11,7%	2,3%	1,9%
Públ.Exc.	0,0%	75,3%	20,1%	3,9%	0,6%

A comparação dos dados sobre confiança na escola (tabelas 5.0 e 5.1) apresenta uma diferença na percepção dos jovens. Enquanto há uma queda no nível de confiança para os jovens das redes públicas, há um aumento na confiança para os jovens da rede particular.

Nível de confiança (Escola)					
Pesquisa anterior	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	0,10%	55,30%	29,30%	12,50%	2,80%
Particular	0,00%	55,10%	40,30%	4,10%	0,50%
Públ.Exc.	1,10%	50,90%	39,60%	6,00%	2,40%

Nível de confiança (escola)					
Pesquisa atual	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	1,9%	33,8%	43,2%	18,3%	2,8%
Particular	0,8%	58,9%	32,8%	6,4%	1,1%
Públ.Exc.	0,0%	41,9%	43,9%	11,6%	2,6%

A redução da confiança dos jovens das redes públicas com relação à escola pode ser atribuída a- pelos menos-três fatores que foram explicitados pelos jovens durante os grupos focais. O primeiro fator já havia sido identificado na pesquisa anterior e está relacionado com a baixa qualidade do ensino público. Esse problema se traduz na incapacidade de o sistema educacional público - preparar os jovens tanto para o ingresso em universidades de qualidade, quanto para o mercado de trabalho. Nesse sentido, a preocupação dos jovens é ilustrada por meio de duas falas

coletadas em grupos focais diferentes, uma durante a pesquisa anterior (2005) e outra durante a pesquisa atual (2022).

O fato da gente estudar em colégio público também tem aquela competição com o pessoal do colégio particular. A gente não tem uma preparação boa, não consegue competir porque a gente não tem como fazer um cursinho, então tem esse medo de competição (...) Esse pessoal que sempre estudou em colégio particular tem condições de ir pra faculdade, diferente do pobre coitado que estudou em colégio público, aí chega um mauricinho e toma a sua vaga” (Jovem da rede pública. Barra da Tijuca. 2005).

Eu não confio na escola, tanto em questão de você ir para outros lugares, querer fazer uma faculdade, como no sentido de às vezes a escola te colocar pra baixo em outros sentidos, por exemplo. A escola diz que eu não consigo, entendeu? A minha mente consegue ir para outros lugares, mas o meu sentimento é de eu não posso e não vai ter ninguém para me ajudar, lá, sabe?  
(Jovem da rede pública. Barra da Tijuca – 2022)

O segundo fator também está ligado à baixa qualidade do ensino público, mas foi apresentado pelos jovens durante os grupos focais, no tocante à incapacidade das escolas em colocar em prática o ensino remoto durante o período de *lockdown* devido à Pandemia de Covid-19. As desigualdades digitais também contribuíram para o resultado dessa situação, que foi um 'apagão na educação pública' durante 2020 e 2021. Essa situação foi reverberada pelos jovens durante os grupos focais, como pode ser observado na fala que mostraremos como exemplo, a seguir.

A gente perdeu completamente o ritmo e acaba que a gente fica se sentindo incapaz, bom eu falo por mim porque, tipo porque tu fica ali e o professor taca matéria no quadro e você aprendendo ou não, você tem que copiar, você tem que se esforçar e é prova atrás de prova e eu não sei onde vai dar. Como confia assim? Confia de que jeito? (Jovem da rede pública. – Tijuca – 2022)

Por fim, o terceiro fator é o mais recente e começou a surgir nos grupos focais a partir de 2022: o Novo Ensino Médio (NEM). Embora tenha sido aprovado em 2017, sua implementação só teve início em 2022, e durante os grupos focais, os jovens já demonstram desconfiança em relação à qualidade dessa reforma e suas consequências.

O projeto do Novo Ensino Médio parecia ser muito bom. Ele prometeu tudo e não entregou nada! Nossa olha que projeto bom! Muito interessante! Mas cadê tudo que eles prometeram? Cadê o investimento? Cadê as pessoas profissionalizadas naquilo que a gente realmente precisa? Não tem! Não tem! (Jovem da rede pública – Tijuca – 2023).

Das três instituições em que os jovens têm maior confiança, a universidade foi a que registrou a maior queda na categoria de “muita” confiança. Na pesquisa anterior, cerca de 50% das respostas se concentravam na categoria “muita” confiança e os jovens da rede pública eram os que apresentavam o maior nível de confiança.

Na pesquisa atual, as respostas indicando "muita" confiança diminuíram para cerca de 35,0%, o que equivale a uma redução de 30,0%, conforme apresentam as tabelas subsequentes.

Nível de confiança (Universidade)					
Pesquisa anterior	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	0,00%	63,30%	28,70%	6,30%	1,70%
Particular	0,00%	49,30%	46,10%	4,40%	0,20%
Públ.Exc.	0,10%	45,00%	48,80%	4,70%	1,40%

Nível de confiança (Universidade)					
Pesquisa atual	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	3,3%	34,7%	46,5%	9,4%	6,1%
Particular	3,4%	44,5%	44,2%	4,9%	3,0%
Públ.Exc.	1,9%	37,4%	46,5%	12,9%	1,3%

O aumento da desconfiança dos jovens na universidade pode estar relacionado à precarização do mercado de trabalho. Em diversos grupos focais pudemos observar falas nesse sentido.

“Meu irmão, por exemplo, ele passou em segundo lugar na CEFET pra engenharia ambiental, aí ele começou a fazer faculdade só que ele não conseguiu trabalhar, só que ele também não podia ficar sem trabalhar, aí ele teve que trancar a faculdade e agora vai fazer prova pra militar porque lá é garantia de que ele vai trabalhar e ganhar dinheiro” (Jovem da rede pública – Tijuca – 2022)  
(...)

Jovem A: “Porque assim, eu acho que meu futuro depende de mim e eu tenho medo de fracassar, não conseguir nada no meu futuro e eu acho que se eu fizer o Enem eu consigo e se eu ganho um tanto agora e se eu fizer Enem e entrar pra uma faculdade eu posso ganhar muito mais depois, então é por isso que eu vou abrir mão do meu trabalho, mas também bate aquele medo que foi o que ela falou, faculdade não é garantia porque, por exemplo, lá perto de casa tem um cara que conserta relógio e ele estava falando que ele é professor de matemática, mas não está trabalhando na área dele”.

Jovem B: “Professor é pouco! Tem engenheiro! Meu primo faz engenharia e tá no Uber! Não desmerecendo a profissão, mas ele estudou vários anos pra não conseguir trabalhar na área dele”. (Diálogo entre dois jovens da rede estadual – Barra da Tijuca 2023).

A ausência de certeza de que a universidade promoverá um futuro melhor, juntamente com os inúmeros casos de decepção com a universidade vivenciados por pessoas próximas, resulta em uma notável diminuição na confiança nessa instituição. No entanto, a universidade, assim com a escola e a família – ainda- são as instituições mais confiáveis para os jovens.

As três instituições com o menor nível de confiança são os políticos, a polícia e os militares. Primeiramente apresentaremos os níveis de confiança nos políticos (tabela 7.0 e 7.1).

Nível de confiança (Políticos)					
Pesquisa anterior	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	0,00%	1,1%	8,30%	38,00%	52,60%
Particular	0,00%	1%	14,50%	48,50%	36,00%
Públ.Exc.	0,00%	1%	10,40%	32,20%	56,40%

Nível de confiança (Políticos)					
Pesquisa atual	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	1,9%	0,0%	6,6%	33,3%	58,2%
Particular	2,6%	1,1%	10,6%	40,0%	45,7%
Públ.Exc.	2,6%	0,6%	12,3%	41,9%	42,6%

Os jovens das três redes de ensino apresentam níveis baixos de confiança nos políticos, mas na comparação entre as duas pesquisas, podemos identificar um aumento na confiança por parte dos jovens da rede pública de excelência. A categoria “nenhuma” confiança teve uma redução de 56,40% para 42,60%.

A polícia, apesar de ser uma das instituições com menor nível de confiança, também apresentou uma redução na categoria “nenhuma confiança” quando comparamos os dados das duas pesquisas. Diferentemente dos políticos, que só apresentaram uma melhora nos níveis de confiança entre os jovens da rede pública de excelência, a polícia apresentou uma melhora na confiança entre os jovens das três redes de ensino.

Nível de confiança (Polícia)					
Pesquisa anterior	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	0,40%	5,40%	17,40%	43,70%	33,10%
Particular	0,70%	0,70%	17,60%	47,60%	33,40%
Públ.Exc.	0,10%	2%	18,30%	50,20%	28,60%

Nível de confiança (Polícia)					
Pesquisa atual	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	3,3%	7,5%	31,0%	33,3%	24,9%
Particular	3,8%	6,1%	28,8%	40,9%	20,5%
Públ.Exc.	3,2%	11,0%	36,8%	30,3%	18,7%

A fala a seguir, foi retirada de um grupo focal realizado com jovens da rede pública de excelência e pode nos ajudar a entender essa melhora no nível de confiança dos jovens na polícia.

Jovem A: “Eu confio na polícia! Não confio cem por cento, mas confio. Se roubarem minha bicicleta eu vou falar com quem? Tem que chamar os caras”.

Jovem B: “Eu concordo com o que ele falou. A polícia tá aí ...assim...eu vou confiar... se não também vamos fazer o que? Eu não conheço ninguém em morro nem nada. Se me roubarem eu vou chamar a polícia”

(Diálogo entre jovens da rede pública de excelência – Zona Sul – 2022)

Precisamos buscar mais dados que nos ajudem a entender esse aumento na confiança na polícia, mas por enquanto, podemos dizer que diante da necessidade de ter a quem recorrer em uma cidade que apresenta altas taxas de violência<sup>9</sup>, a polícia é a única opção.

Em última análise, entre as instituições que recebem os menores níveis de confiança dos jovens, os militares são aqueles que desfrutam dos melhores níveis. Nas tabelas a seguir, é possível notar que o índice de "muita" confiança nos militares chega a 15% entre os jovens da rede pública. No entanto, ao comparar a primeira pesquisa com a atual, observamos que essa instituição também teve uma redução no nível de confiança.

Nível de confiança (Militares)					
Pesquisa anterior	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	0,20%	16,60%	32,90%	32,60%	17,70%
Particular	1,00%	5,70%	36,20%	36,00%	21,10%
Públ.Exc.	0,90%	8%	41,30%	32,90%	17,40%

Nível de confiança (Militares)					
Pesquisa atual	Não respondeu	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
Público	2,8%	15,0%	23,5%	34,7%	23,9%
Particular	3,8%	6,4%	26,8%	30,9%	32,1%
Públ.Exc.	1,9%	14,2%	29,7%	32,3%	21,9%

Os dados apresentados anteriormente mostram que as instituições em que jovens têm mais e menos confiança continuam as mesmas, mas - houve uma variação no nível de confiança. Todas as instituições tiveram uma redução no nível de confiança com exceção da polícia que apresentou um aumento sensível na categoria “alguma” confiança e na escola para os jovens da rede particular que teve um aumento de “muita” confiança.

Outro dado que permanece semelhante ao da pesquisa anterior é com relação aos medos. Perguntamos aos jovens sobre os seus três maiores medos, e tanto na pesquisa anterior quanto na atual eles apontam que os três maiores medos são a violência, o desemprego dos pais e ter

<sup>9</sup> De acordo com o Anuário Brasileiro de segurança pública divulgado em 20/07/2023 o Rio de Janeiro está entre as cinquenta cidades mais violentas do Brasil. Fonte: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>

dificuldade de entrar no mercado de trabalho. A diferença que surgiu na pesquisa atual foi com relação a ordem de importância que os jovens das redes públicas deram aos medos. Esses dados podem ser observados nas tabelas a seguir.

Tabela 10.0

Em um nível mais pessoal, três de seus maiores medos são				
Pesquisa anterior	Desemprego dos pais/responsáveis	Ser vítima de violência	Ter dificuldade de entrar no mercado de trabalho	Os problemas do país ficarem mais graves
Público	3º	1º	2º	4º
Particular	4º	1º	2º	3º
Públ.Exc.	3º	1º	2º	4º

Tabela 10.1

Em um nível mais pessoal, três de seus maiores medos são				
Pesquisa atual	Desemprego dos pais/responsáveis	Ser vítima de violência	Ter dificuldade de entrar no mercado de	Os problemas do país ficarem mais
Público	1º	2º	3º	4º
Particular	2º	1º	3º	4º
Públ.Exc.	1º	2º	3º	4º

Na comparação entre as duas pesquisas, podemos observar um deslocamento na ordem de importância dos medos. Enquanto na primeira pesquisa o principal medo dos jovens era “ser vítima de violência”, a pesquisa atual aponta que para os alunos das redes públicas o principal medo passou a ser o “desemprego dos pais e responsáveis”.

O deslocamento do medo de “ser vítima de violência” da primeira para a segunda opção pode estar relacionado a presença constante da violência no cotidiano desses jovens, conforme podemos observar no diálogo a seguir, que foi extraído de um grupo focal realizado em uma escola pública na Barra da Tijuca.

Jovem A: “Eu tenho medo, claro! Mas eu já sou acostumada”.

Jovem B: “Já tenho o despertador ativo!” (risos de todos)

Jovem C: “A gente tem medo, mas viver mesmo só vive que quando a gente vai para uma cidade pequena, de interior, por exemplo. Eu sempre morei na Paraíba e quando eu vou pra lá eu penso que aqui as pessoas não sabem o que é viver”.

Jovem D: “A gente não tem medo porque a gente já está esperando o pior”

Jovem A: “Quando meus amigos vão me visitar (eu moro na Cidade de Deus) e eles escutam tiros, eles ficam apavorados! (risos de todos). Eles escutam os tiros e me perguntam se eu não vou fazer nada porque eu continuo fazendo o que estou fazendo e eu digo: - vou fazer o que? Já estou acostumada! Se eu estou dormindo e tem tiro, eu continuo dormindo e só levanto quando o despertador toca. Você se acostuma!” (Diálogo entre jovens da rede pública estadual – Barra da Tijuca – 2023)

Os próximos tópicos abordados confirmam uma tendência de aproximação das percepções dos jovens das três redes de ensino. O primeiro tópico é sobre o casamento igualitário, o segundo trata da opinião sobre o aborto e o terceiro aborda a questão racial no Brasil. Ao compararmos os

dados das duas pesquisas, podemos observar que os jovens demonstram opiniões mais progressistas agora do que na pesquisa anterior.

As tabelas a seguir (tabelas 11.0 e 11.1) apresentam as respostas dos jovens sobre o “casamento igualitário”. Na pesquisa anterior cerca de 20% dos jovens consideravam esse tipo de casamento como "uma aberração", enquanto na pesquisa atual, essa afirmação não chegou a 3% das respostas. Além disso, na pesquisa atual cerca de 90% dos jovens concordam que o casamento igualitário é um direito.

Casamento igualitário				
Pesquisa anterior	Não respondeu	Um direito	Uma aberração	Um pecado
Público	0,0%	57,3%	21,5%	21,2%
Particular	0,9%	81,9%	15,6%	1,6%
Públ.Exc.	0,5%	67,1%	23,9%	8,5%

Casamento igualitário				
Pesquisa atual	Não respondeu	Um direito	Uma aberração	Um pecado
Público	0,5%	87,3%	2,3%	9,9%
Particular	0,8%	95,8%	0,4%	3,0%
Públ.Exc.	0,0%	92,9%	0,6%	6,5%

Outro tema que nos ajuda a ilustrar essa tendência mais progressista dos jovens, quinze anos após a realização da primeira pesquisa, é sobre o aborto, conforme será apresentado nas tabelas 12.0 e 12.1.

Opinião sobre o aborto				
Pesquisa anterior	Não respondeu	Um direito da mulher	Um crime	Um pecado
Público	0,3%	24,6%	56,4%	18,6%
Particular	3,2%	66,1%	26,1%	4,6%
Públ.Exc.	0,9%	63,8%	20,7%	14,6%

Opinião sobre o aborto				
Pesquisa atual	Não respondeu	Um direito da mulher	Um crime	Um pecado
Público	0,0%	67,0%	17,5%	15,6%
Particular	1,5%	85,7%	10,6%	2,3%
Públ.Exc.	3,2%	78,7%	8,4%	9,7%

Atualmente, a maioria dos jovens considera o aborto um direito da mulher, no entanto, chamou nossa atenção a menor porcentagem de jovens das redes públicas que compartilham essa opinião.

Uma das possíveis explicações para essa questão poderia estar relacionada à presença significativa de jovens evangélicos nas escolas públicas. Para investigar essa possibilidade, cruzamos duas variáveis: a opinião sobre o aborto e a religião. Os resultados estão disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 13.0

Opinião sobre o aborto (Por religião)			
	Um direito da mulher	Um crime	Um pecado
Pesquisa atual			
Católicos (33%)	72,8%	16,0%	8,0%
Evangélicos (30%)	49,7%	19,1%	30,2%

Na pesquisa atual, 33% dos jovens se identificam como católicos, enquanto 30% se identificam como evangélicos. Para a maioria dos jovens de ambos os grupos, o aborto é considerado um direito da mulher. No entanto, 30,2% dos evangélicos acreditam que o aborto é um pecado. Essa última porcentagem ajuda a explicar as diferentes opiniões apresentadas na tabela 12.1.

As informações contidas no banco de dados da pesquisa permitem que façamos diversas outras cruzadas dedados e assim que concluirmos a pesquisa, poderemos divulga-las. No entanto, para esta apresentação, nos concentraremos nos dados que foram anunciados lá no início desse *paper*.

Perguntamos aos jovens qual a opinião deles sobre a questão racial no Brasil e os resultados obtidos podem ser observados nas tabelas a seguir.

Tabela 14.0

Quanto a questão racial				
	Não há preconceito racial, mas sim social	Vivemos numa democracia racial	Há preconceito tanto racial quanto social	Há preconceito racial
Pesquisa anterior				
Público	5,4%	4,9%	85,7%	3,7%
Particular	6,9%	0,9%	89,7%	2,3%
Públ.Exc.	10,3%	2,3%	84,5%	2,8%

Tabela 14.1

Quanto a questão racial				
	Não há preconceito racial, mas sim social	Vivemos numa democracia racial	Há preconceito tanto racial quanto social	Há preconceito racial
Pesquisa atual				
Público	2,8%	3,8%	76,5%	16,9%
Particular	0,8%	0,8%	83,0%	15,5%
Públ.Exc.	0,6%	0,0%	83,9%	15,5%

Na comparação entre as pesquisas, observamos uma diminuição nas respostas que misturam o preconceito racial e o social ("Há preconceito tanto racial quanto social") e um aumento nas respostas que enfatizam a existência do preconceito racial ("Há preconceito racial"). Essa ênfase na afirmação sobre a existência do preconceito racial também pode ser observada na questão seguinte, que aborda os três principais problemas do Brasil.

Tabela 15.0

Três principais problemas do país			
Pesquisa anterior			
Público	Violência (37,1%)	Saúde pública (21,7%)	Desigualdades sociais (15,2%)
Particular	Desigualdades sociais (33,3%)	Má qualidade do ensino público (27,1%)	Violência (14,2%)
Públ.Exc.	Desigualdades sociais (37,3%)	corrupção (26,3%)	Violência (15,2%)

Tabela 15.1

Três principais problemas do país			
Pesquisa atual			
Público	Racismo (33,3%)	Saúde pública (21,1%)	Corrupção (15,0%)
Particular	Má qualidade do ensino público (25,3%)	Desigualdade social (21,9%)	Corrupção (14%)
Públ.Exc.	Racismo (23,9%)	Desigualdade (23,2%)	Corrupção (16%)

A pergunta sobre os três maiores problemas do Brasil é uma pergunta fechada com quinze opções e na pesquisa anterior teve como principais respostas a violência, as desigualdades sociais, a saúde pública, a má qualidade do ensino público e a corrupção.

Na pesquisa atual os principais problemas selecionados pelos jovens foram o racismo, a má qualidade do ensino público, a saúde pública, as desigualdades sociais e a corrupção.

Na comparação entre as duas pesquisas, chamou atenção de que o racismo que tinha apenas 0,7% das respostas na pesquisa anterior passou para a primeira opção entre os problemas apontados pelos jovens das escolas públicas.

Nos grupos focais também foi possível identificar esse aumento da conscientização dos jovens em relação ao racismo. Muitos jovens negros compartilharam suas experiências diárias e apresentaram um vasto repertório sobre exemplos. Não faltaram casos sobre o movimento “*Black Lives Matters*”, sobre situações de racismo ocorridas nos estádios de futebol e com pessoas comuns que usaram a câmera do celular e a internet para denunciar esse tipo de crime.

O aumento do reconhecimento dos direitos das minorias e a postura mais consciente com relação ao racismo foram as principais mudanças identificadas na comparação entre as pesquisas, resta agora saber se, no futuro, esses jovens mais progressistas e conscientes, gostariam de continuar a viver no Brasil ou não.

Uma pesquisa realizada pelo DataFolha em outubro de 2022, envolvendo jovens de 12 capitais, com idades entre 15 e 29 anos, revelou que 76% desses jovens desejariam emigrar do Brasil. Nossa pesquisa também identificou essa tendência entre os jovens. No entanto, nossa análise apontou que existem motivações distintas para emigração entre os jovens da rede públicas e os da rede particular, conforme apresenta a tabela a seguir.

Tabela 16.0

Viver em outro país				
Pesquisa anterior	Nunca	Definitivamente	Temporariamente para estudo ou trabalho	Não respondeu
Público	18,9%	11,7%	69,4%	0,0%
Particular	6,4%	12,1%	80,8%	0,7%
Públ.Exc.	14,6%	12,7%	71,4%	0,9%

Tabela 16.1

Viver em outro país				
Pesquisa atual	Nunca	Definitivamente	Temporariamente para estudo ou trabalho	Não respondeu
Público	4,2%	50,7%	44,6%	0,5%
Particular	6,8%	33,6%	59,2%	0,4%
Públ.Exc.	2,6%	36,8%	60,0%	0,6%

Enquanto a maioria dos jovens da rede pública de excelência e da rede particular afirma que viveriam em outro país apenas temporariamente para realizar estudo ou trabalho, a maioria dos jovens da rede pública diz que gostariam de deixar o Brasil definitivamente.

Na comparação entre as pesquisas observamos que essa vontade de deixar o país definitivamente – entre os jovens da rede pública – teve um aumento de 40% e entre os jovens das outras redes de ensino o aumento foi cerca de 20%.

Há várias explicações para esse aumento no desejo dos jovens de emigrar para outros países, mas uma delas é que a internet possibilita aos jovens acesso a uma grande quantidade de informações sobre diferentes países (mercado de trabalho, qualidade de vida, cursos, universidades, intercâmbio). Além disso, a geração atual experimenta uma sensação de encurtamento das distâncias devido à facilidade da comunicação proporcionada pela internet. E uma vez que estamos discutindo o tópico da internet, apresentaremos os dados correspondentes às questões que foram incorporadas ao questionário sobre esse assunto.

A primeira pergunta sobre a internet busca identificar o tempo diário que o jovem fica na internet.

Tabela 17.0

Por dia, você fica quanto tempo na internet?						
Pesquisa atual	Não respondeu	O dia todo. Visualizo meu celular sempre que aparece alguma notificação	Somente quando estou em casa	Menos de uma hora	Não sei dizer	No máximo três horas
Público	0,5%	44,1%	37,1%	0,5%	11,3%	6,6%
Particular	0,4%	50,9%	19,2%	1,9%	16,2%	11,3%
Públ.Exc.	0,0%	41,9%	29,7%	1,9%	16,8%	9,7%

Os jovens das três redes de ensino exibem padrões de comportamento semelhantes no que diz respeito ao tempo diário na internet, a maioria afirma que usa a internet durante todo dia, visualizando o celular sempre que uma notificação aparece.

O segundo maior grupo de jovens se concentra entre aqueles que só fazem uso da internet quando estão em casa.

No tocante à utilização das redes sociais, perguntamos aos jovens sobre o que eles costumam fazer nesses ambientes virtuais e os resultados podem ser visualizados na tabela abaixo.

Tabela 18.0

Nas redes sociais, você costuma					
Pesquisa atual	Não respondeu	Publicar fotos próprias	Compartilhar notícias sobre política	Compartilhar notícias sobre assuntos variados, exceto sobre política	Não compartilha nada, mas curte ver as publicações dos amigos
Público	0,5%	38,5%	6,1%	24,9%	30,0%
Particular	4,2%	36,6%	5,7%	15,5%	38,1%
Públ.Exc.	0,6%	36,8%	3,9%	14,8%	43,9%

Ao observarmos os dados da tabela 18.0, identificamos que existem dois tipos de comportamento mais recorrente entre os jovens e que (curiosamente) são comportamentos opostos. De um lado temos cerca de 40% dos jovens que costumam usar as redes sociais para publicar fotos e do outro lado temos quase a mesma porcentagem de jovens que afirmam que não gostam de publicar nas redes sociais e preferem apenas curtir as publicações dos amigos.

Diante das diferentes possibilidades de comportamento nas redes sociais, perguntamos aos jovens qual a opinião deles sobre as redes e as respostas mostraram que todos acreditam que elas são perigosas e que é preciso ter cuidado em seu uso e houve uma divergência entre os jovens da rede particular e os jovens da rede pública.

Se por um lado para 24,5% dos jovens da rede particular as redes sociais “criam uma falsa sensação de participação política”, para 25,4% dos jovens da rede pública elas “possibilitam uma maior participação nos assuntos políticos”.

Tabela 19.0

<b>Em sua opinião, as redes sociais</b>					
Pesquisa atual	Não respondeu	Não são o melhor ambiente para falar de política	Possibilitam uma maior participação nos assuntos sobre política	Criam uma falsa sensação de participação política	São perigosas e precisam ser usadas com cuidado
Público	0,0%	18,3%	25,4%	13,6%	42,7%
Particular	1,5%	15,8%	14,7%	24,5%	43,4%
Públ.Exc.	0,6%	12,9%	15,5%	17,4%	53,5%

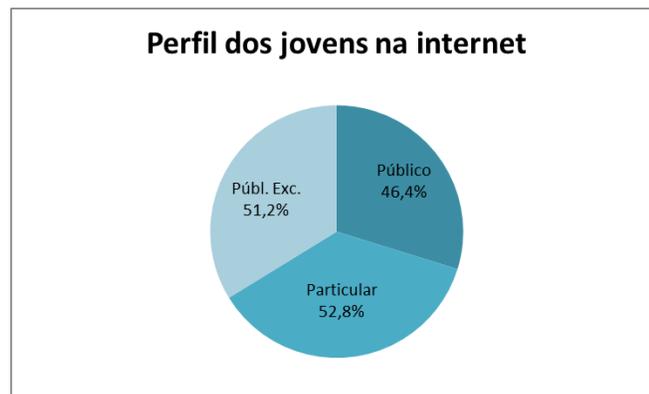
No tocante ao compartilhamento de informações mais da metade dos jovens afirma que “se preocupa em pesquisar a fonte da notícia” antes de compartilhar, conforme os dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 20.0

<b>Com relação ao compartilhamento de notícias, você</b>					
Pesquisa atual	Não respondeu	Se preocupa em pesquisar a fonte da notícia	Não se preocupa em pesquisar a fonte da notícia	Compartilha direto se a notícia foi divulgada por algum amigo ou parente	Compartilha direto se concordar com a notícia
Público	2,3%	60,6%	15,5%	0,9%	20,7%
Particular	2,6%	80,4%	4,9%	3,4%	8,7%
Públ.Exc.	5,8%	72,9%	5,8%	4,5%	11,0%

Durante os grupos focais, os jovens, de modo geral, apresentaram bons argumentos sobre os prejuízos causados pelas notícias falsas (*fakenews*) e demonstraram que estão bem informados e vigilantes a esse tipo de situação, acrescentando, inclusive, informações sobre golpes na internet e cyberbullying.

Apesar das desigualdades no acesso à internet<sup>10</sup>, nossa pesquisa identificou que os jovens compartilham comportamentos semelhantes nas redes sociais. Isso pode ser observado no gráfico a seguir que ilustra o resultado do cruzamento das informações obtidas nas perguntas "tempo gasto na internet", "opinião sobre redes sociais" e "compartilhamento de informações", por rede de ensino pode ser observado no gráfico a seguir.



O gráfico explicita as semelhanças o que reforça nossa afirmação de que, apesar das desigualdades, os jovens têm comportamentos muito similares na internet.

---

<sup>10</sup> De acordo com a pesquisa "O abismo digital no Brasil". Fonte: <https://www.pwc.com.br/pt/estudos/preocupacoes-ceos/mais-temas/2022/o-abismo-digital-no-brasil.html>

## CONCLUSÕES PARCIAIS

Quinze anos após a realização da primeira pesquisa, é possível observar uma maior convergência nas percepções dos jovens das três redes de ensino. Embora as desigualdades persistentes ainda estejam presentes, as opiniões parecem estar mais em sintonia.

Os jovens ainda mantêm as mesmas preocupações: o desemprego dos pais, a violência e a dificuldade de entrar no mercado de trabalho. Além disso, eles continuam a confiar na família, na escola e na universidade e continuam a criticar a qualidade precária da educação e os impactos gerados em suas escolhas para o futuro.

Embora persista a desconfiança em relação às instituições mais próximas ao Estado, isso não os leva a desacreditar na democracia. Pelo contrário, eles reforçam seu valor, demonstrando um aumento no reconhecimento dos direitos das minorias.

Atualmente, eles demonstram maior sensibilidade na luta contra o racismo, sendo capazes de identificar situações relacionadas a esse tema em suas vidas cotidianas e para a maioria deles o racismo é considerado o principal problema do país.

A percepção crítica dos jovens sobre os problemas do Brasil e o maior acesso à informação, especialmente via internet, podem estar contribuindo para o aumento na quantidade de jovens da rede pública que afirmam ter vontade de emigrar definitivamente. Além disso, o uso da internet também pode estar colaborando com a convergência maior entre as percepções dos jovens na comparação entre as pesquisas.

As informações coletadas ainda estão passando por análises. Assim que concluirmos o trabalho de campo estaremos aptas a divulgar todos os dados da pesquisa e apresentar análises sobre a validade de nossas hipóteses. Por enquanto, finalizamos o *paper* registrando agradecimento a **FAPERJ** (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) pelo apoio à pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ARRETCHE, Marta.** Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015. ISBN 978-85-393-0566-7.
- BOURDIEU, Pierre.** 1983. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.
- CATANI, Afrânio Mendes e Gilioli, Renato de Sousa Porto.** Culturas juvenis: múltiplos olhares. Editora UNESP, 2008.
- DAYRELL, Juarez.** O jovem como sujeito social. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo & NOVAES, Regina Reyes (Orgs.). Juventude e Contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007 Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154569por.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2011.
- MANNHEIM, Karl.** O problema da juventude na sociedade modernas. In: Sociologia da Juventude (Vol. I): da Europa de Marx à América Latina de hoje. Zahar. Rio de Janeiro, 1968.
- MOISES, José Álvaro; CARNEIRO, Gabriela Piquet.** Democracia, desconfiança política e insatisfação com o regime: o caso do Brasil. Opin. Publica, Campinas , v. 14, n. 1, p. 1-42, June 2008.
- NOVAES, Regina.** Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas.
- PAIVA, Angela Randopho.** Juventude, cultura cívica e cidadania. Garamond, Rio de Janeiro, 2013.
- PUTNAN, Robert David.** Jogando boliche sozinho: colapso e ressurgimento da coletividade americana. (trad.) Marcelo Oliveira Silva. 1. ed. Curitiba: Instituto Atuação, 2015.
- TELLES, V.** Questão social: afinal do que se trata? In: São Paulo em Perspectiva. Vol. 10 (4). SEADE: 1996.

## **CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS**

**Angela Paiva:** Conceitualização, metodologia, aquisição do financiamento e supervisão.

**Michelle Ferraz:** Administração do projeto, visualização e investigação.

**DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:** As autoras declaram que não há conflito de interesses a mencionar

## **MINIBIOGRAFIAS DAS AUTORAS DO PAPER**

**Angela Paiva:** Professora e Pesquisadora - Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e coordenadora central de cooperação internacional (CCCI) desde agosto de 2014.

**Michelle Ferraz:** Doutoranda em Ciências Sociais pelo programa PPGCIS – PUC Rio é professora da rede pública do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) desde março de 2009.

## **COMITÊ DE ÉTICA**

De acordo com o parecer n.28/2019 – (Protocolo 37/2019)

O Comitê de ética em pesquisa da PUC Rio denominado, CEPq - PUC – Rio, vinculado à Vice Reitoria para assuntos acadêmicos concedeu parecer **favorável** a pesquisa.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.